

O novo CEO da Estados Unidos S.A.

Assim como Trump, as firmas de private equity são capazes de deparar ativos para obter lucro imediato, não importa o quão importantes sejam

Por Rana Foroohar

Valor, 12/11/2024

Anos atrás, um famoso bilionário do Vale do Silício me disse algo que nunca esqueci: “A China é uma autocracia, a Europa é uma tecnocracia e os Estados Unidos são uma companhia”. O comentário nunca pareceu mais verdadeiro para mim como desde que Donald Trump voltou a ser eleito presidente dos EUA na semana passada. Posso começar com os argumentos óbvios, de que Trump é um empresário particularmente voraz e de que o comando dos EUA é um ativo a ser comprado e vendido.

Isso está particularmente evidente desde que a Suprema Corte abriu as portas para gastos ilimitados das empresas em campanhas, com sua decisão de 2010 no caso da organização sem fins lucrativos Citizens United contra a Comissão Eleitoral Federal. Nesta eleição, entretanto, foram derrubadas mais algumas das regras remanescentes que separavam candidatos e seus “super” Comitês de Ações Políticas, os “super-PACs”. O resultado é que, dos quase US\$ 16 bilhões supostamente gastos no ciclo eleitoral, uma soma recorde veio de doadores desconhecidos. Não é só o dinheiro que rege a política dos EUA, mas o dinheiro obscuro.

Ainda assim, como se fosse a documentação de uma empresa de envio obrigatório à Securities and Exchange Commission (SEC, a Comissão de Valores Mobiliários dos EUA) na qual constam os principais acionistas, os maiores investidores políticos de Trump são bem conhecidos.

Em primeiro lugar está Elon Musk, o empresário e cofundador da Tesla, que gastou US\$ 118 milhões na campanha de Trump. Uma boa parte desse valor foi gasta em pessoas fazendo campanha pelo país nos últimos dias. No entanto, Musk também forneceu algo ainda mais valioso - a caixa preta do controle algorítmico do X, uma das plataformas de relacionamento social on-line mais conhecidas do país, que, sem dúvida, guiou um grande número de possíveis eleitores até a toca do coelho por uma via da desinformação. Pobre dos eleitores dos Estados decisivos preocupados com o custo de vida. Eles acabam de eleger um homem que, apostam muitos especialistas, agravará ainda mais a inflação.

É claro, Musk e uma série de outros apoiadores bilionários, como Timothy Mellon, Steve Schwarzman e Jeff Yass, além de simpatizantes como Jeff Bezos, Mark Zuckerberg e Tim Cook, que estiveram entre os primeiros a parabenizar o presidente eleito no Twitter, sabem exatamente o que estão ganhando - um líder tão disposto a fazer transações quanto eles.

Eles sabem, por exemplo, que promessas passadas não são indicativas de desempenho futuro. Essa verdade ficou muito clara na reação do mercado que saudou a vitória de Trump, quando as ações e os ativos de risco subiram, enquanto os preços dos títulos de dívida caíram. Este é um homem que prometeu tarifas de

importação generalizadas e apoio ao setor industrial dos EUA. Seria de se supor uma queda nas ações dos EUA e um dólar mais fraco para tornar as exportações mais competitivas; mas os investidores estão apostando exatamente no oposto.

Enquanto alguns de nós sonhávamos que Joe Biden havia inaugurado uma era pós-neoliberal nas políticas econômicas, agora está bastante claro que nos EUA tudo se resume, como tem sido desde os anos 1980, ao “valor para o acionista”.

Um voto em Trump foi um voto na ideia de que impostos mais baixos, menos regulamentação e mais endividamento levarão a um “crescimento” que fará a economia dos EUA - que se saiu dramaticamente melhor do que qualquer outro país rico após a covid-19 - tornar-se algo maior.

Sob nosso novo executivo-chefe Donald Trump, a EUA S.A., mais do que uma empresa de capital aberto, parece uma firma de private equity: um investimento altamente alavancado e de curto prazo, com um tempo médio de posse de cerca de quatro anos

Um voto na esperança de que um ato contrário às leis da física conseguirá manter os preços das ações no atual patamar recorde e evitar a recessão que (se desconsiderarmos o repique em “V” da pandemia) já está atrasada há vários anos segundo os padrões históricos.

Muitas empresas da lista Fortune 500 têm usado, nos últimos anos, o endividamento e programas intermináveis de recompra de ações para desafiar a gravidade do mercado, na esperança de manter suas margens de lucro e cotações nas alturas para sempre. No entanto, a EUA S.A., sob nosso novo executivo-chefe Trump, mais do que uma empresa de capital aberto, parece uma firma de private equity: um investimento altamente alavancado e de curto prazo, com um tempo médio de posse de cerca de quatro anos.

Assim como Trump, as firmas de private equity são capazes de depenar ativos para obter lucro imediato - não importa o quão importantes sejam. O presidente eleito deverá eliminar grande parte da estratégia de fontes de energia limpa do governo Biden, deixando a China dominar os setores estratégicos do futuro. Também deverá reduzir as exigências de reservas de capital dos bancos, em um momento no qual as dívidas, a alavancagem e o risco financeiro estão crescendo.

Até a proposta de Trump para deportar milhões de imigrantes é como uma espécie de estratégia de demissões em massa, do tipo que os investidores ativistas adoram. Imigrantes podem ser percebidos como um custo no balanço trimestral político de Trump, mas eles são um dos principais motivos pelos quais a inflação trabalhista não foi maior nos EUA pós-pandemia. Ainda assim, os saqueadores empresariais não se preocupam com o capital humano - apenas com o frio dinheiro vivo.

Se Trump é nosso executivo-chefe, os EUA agora seriam um ativo problemático? É algo a se pensar. A economia dos EUA tem se saído melhor nos últimos anos do que qualquer um poderia esperar, talvez até melhor do que merecíamos. Não posso deixar de pensar que nossa absoluta riqueza - o Produto Interno Bruto (PIB) per capita do Mississippi é comparável ao da França - e todas as distrações de consumo que ela oferece (particularmente as digitais de conteúdo vazio) são uma das razões pelas quais voltamos a eleger um condenado à Casa Branca.

Os EUA se tornaram vítimas de seu próprio sucesso. Uma coisa, contudo, é certa: votamos alinhados com nossos próprios valores. Uma recente pesquisa da Gallup concluiu que o dinheiro, mais do que patriotismo, religião, família ou comunidade, é o valor definidor dos EUA. Em Trump, temos um presidente que representa todo o horror disso - e pouco mais. **(Tradução de Sabino Ahumada)**

Rana Foroohar é editora do Financial Times em Nova York.

1.